

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
16 de junho de 2026

DUAS VEZES JOÃO LIBERADA / 2026

um filme de Paula Tomás Marques

Realização Paula Tomás Marques / *Argumento* June João, Paula Tomás Marques / *Apoio à Escrita* Tiago Aires Lêdo / *Direcção de Fotografia* Fresco Mafalda / *Direcção de Arte e Figurinos* Eloísa D'ascensão / *Make-Up e Efeitos Especiais* Eloísa D'ascensão, June João / *Correcção de Cor e Design* Rita Lamas / *Efeitos Visuais* Caio Amado / *Montagem* Jorge Jácome / *Captação, Montagem e Mistura de Som* Marcelo Tavares / *Ambientes Musicais* Pedro Miguel Gonçalves / *Música Original* Maria João Petrucci, Rodrigo Vaiapraia / *Cerâmicas* Rebeca Letras / *Ilustração e Colagens* Daniela Lino / *Revelação e Digitalização 16mm* Cinelab Romania / *Catering* Ana Reis da Silva, Renato Chorão, Roupas Velhas / *Drivers* Catarina Alves, Rebeca Letras
Interpretação June João, André Tecedeiro, Jenny Larrue, Eloísa D'ascensão, Tiago Aires Lêdo, Caio Amado, Alice Azevedo, Helena Estrela, Paula Tomás Marques, Marcelo Tavares, Fresco Mafalda, Cristiana Cruz Forte, Maria Inês Gonçalves
Produção Cristiana Cruz Forte, Paula Tomás Marques / *Co-Produção* Fúria de Boi / *Produção Associada* Casa Estrela, Elías Querejeta Zine Eskola / *Assistência de Realização* Helena Estrela / *Assistência de Produção* Maria Inês Gonçalves / *Assistência Múltipla* Catarina de Sousa, Laura Gama Martins, Leonor Coelho, Madalena Fragoço / *Produção Associada (Ezq)* Arrate Velasco / *Assistência Técnica (Ezq)* Asier Armental Lemos / *Vendas Internacionais* Portugal Film / *Distribuição em Portugal* FILMS4YOU / *Cópia* DCP, Cor, 70 min

Com a presença de Paula Tomás Marques

Nenhuma memória é completa, tal como nenhum arquivo pode sê-lo. A primeira vez que fui à cinemateca, ainda adolescente e vinda do Porto, lembro-me do fascínio pela programação e pelo espaço, mas o filme que vi nesse dia perdeu-se na minha memória. Seria bonito, embora talvez previsível, deter-me nesse primeiro momento. Mas talvez o mais justo seja aceitar que ele permaneça indistinto. A memória falha-nos, e continuará a falhar-nos sempre. E essa falha deve acompanhar-nos de forma quase benigna: porque a debilidade da memória é também a debilidade do arquivo, que é também a debilidade da própria história. É mais ou menos disto que trata o filme que vão ver esta noite e é um privilégio que seja apresentado nesta sala com tantas histórias.

"Duas Vezes João Liberada", a minha primeira longa-metragem, é um filme construído numa manta de retalhos económica e emocional: grandes dificuldades financeiras, compensadas por uma abundância de apoios pessoais, afetivos e institucionais que nos foram empurrando até aqui, até esta sala, até esta noite. Sou profundamente grata às pessoas com quem trabalho, e penso constantemente nisso — em como este cinema que tenho feito é urgência espalhada por várias mãos, nunca apenas as minhas. E essa é talvez a maior dívida de todas: poder criar em conjunto, debater, concordar, discordar e ainda assim chegar a um objeto estruturado e coeso — ainda que aproveitando precisamente essa capacidade do cinema que é pôr em causa as lógicas lineares do espaço e do tempo.

Escrever sobre o meu próprio filme pode ser um exercício difícil. Navego entre a minha tendência natural de escrever textos mais longos e de linguagem mais académica e a necessidade de me explicar de forma clara, simples. Como se tivesse de ignorar que

um filme não se traduz. Mas é também essencial encontrar novas formas de comunicar e aceitar esse confronto. Fazer cinema é, no fundo, inventar um canal de comunicação entre quem fez o filme e quem o vê, de forma mais concreta ou mais abstrata, mais séria ou mais pateta. Por isso, fica aqui apenas o elo entre duas coisas: o que pensei enquanto fazia o filme e o que sinto agora, sentada nesta sala onde uma vez fui uma adolescente confusa, mas determinada a seguir os meus impulsos criativos.

"Duas Vezes João Liberada" nasceu de uma investigação histórica pessoal sobre processos da Inquisição portuguesa dos séculos XVII e XVIII, movidos contra pessoas perseguidas por transgredirem normas de género e sexualidade. João Liberada é uma personagem ficcional, mas nasce desses fragmentos, e da consciência incómoda de que tantas histórias de pessoas queer só chegaram até nós através dos arquivos de quem as perseguiu, julgou ou tentou apagar. É uma espécie de herança às avessas: sabemos que existiram porque alguém quis que não existissem.

O filme foi também atravessado pelo presente: pelo crescimento da extrema-direita e da violência anti-trans, e por um medo bastante concreto de regressão e de repetição. Passado e presente cruzam-se aqui sem pedirem muita licença um ao outro.

Durante a investigação, interessava-me pensar a história não como uma narrativa fixa e objetiva, mas como um campo caótico, fragmentado, parcial — cheio de lacunas, contradições e silêncios que resistem a qualquer tentativa de reconstrução completa. E interessava-me também pensar como o próprio cinema pode repetir esses mecanismos de simplificação: tantos filmes biográficos transformam vidas complexas em versões disciplinadas, estáveis, fáceis de engolir. Como filmar alguém cuja voz nunca foi registada sem voltar a prendê-la numa nova imagem fixa, cristalizada? Não encontrei resposta. Encontrei, em vez disso, mais perguntas e as hipóteses que só a ficção proporciona. E sobre estes desafios, aprendi muito com a fabulação crítica de Saidiya Hartman.

O filme aceita essa fabulação como forma de lidar com os silêncios do arquivo, e inventa espaços onde essas vozes possam, finalmente, fazer barulho. Um dos prazeres centrais de fazer este filme foi imaginar uma situação só possível num universo fantástico: que os mortos pudessem responder às formas como continuam a ser representados, apropriados e mal-entendidos no presente. Há qualquer coisa de fantasma nisto tudo. E gosto de pensar que um fantasma é, no fundo, alguém que se recusa a ser totalmente explicado. Liberada é essa presença: interrompe versões estabilizadas da História e obriga o presente a confrontar-se com o que tentou esquecer, ou com o que agora tenta fixar demasiado depressa.

Por isso mesmo, o estilo e género cinematográfico do filme não se deixam definir — passa do drama histórico ao filme-ensaio, ao fantástico e até à comédia, sem grande vergonha. A própria equipa técnica aparece dentro do filme, à frente da câmara, interpretando versões ficcionadas de si mesma, confundindo quem filma com quem é filmado. Gostava que o filme vivesse com essas contradições, tal como a memória, que vive aos pedaços, em mudanças de tom, sem nunca se resolver de uma vez por todas.

E talvez esta noite seja só mais um desses pedaços. Dentro de uns anos, alguém aqui se vai lembrar vagamente de ter visto "Duas Vezes João Liberada" na Cinemateca — vai confundir o ano, talvez o filme com outro, talvez até a sala. E está tudo bem. É exatamente disto que o filme fala: do que sobrevive mesmo quando a memória, o arquivo e a história nos deixam cair. E desta pequena memória de hoje, quando a contarmos a outra pessoa mais tarde, quanto será ficção e quanto ficará realmente fiel à sua realidade histórica?

Por agora, ficamos só com isto: uma sala, um filme, um fantasma ou dois.

Paula Tomás Marques